

MOBILIZAR PARA RENASCER

PREVIDÊNCIA E SAÚDE ADMINISTRADAS PELA CATEGORIA PROFISSIONAL
RESPECTIVA COM FISCALIZAÇÃO OFICIAL E CONTROLE DO MP
CPI's — PEC DOS PRECATÓRIOS — DRU
EMENDAS PARLAMENTARES
ORÇAMENTO SECRETO — RENÚNCIAS FISCAIS
REFORMA TRIBUTÁRIA — REFORMA POLÍTICA



ONAIR NUNES

ISSO NÃO É PEDALADA?

O BRASIL PRECISA REUNIR A SUA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE

REFLITA SOBRE ISSO

Publicado originariamente em 23 de dezembro de 2019

Nenhum governante brasileiro, desde a proclamação da República, fez o suficiente para mudar o histórico enfoque social/econômico herdado do nosso passado de limites estreitos, ressaltado o governo de Getúlio Vargas sob alguns aspectos capitais e o de Juscelino Kubitschek quanto à industrialização do país na esteira dos esforços estadistas de Vargas. Os governos militares nos deram uma nova visão do Brasil, ainda necessitada de mais história para ser inteiramente compreendida, embora tenhamos feito, sem dúvida, expressivos progressos.

Até hoje o sistema de travas e destravas é aplicado, às vezes de forma nem tão sub-reptícia assim, a informar imperdoáveis descuidos antirrepublicanos. Somos um país de poucos donos, aos quais, assim parece, não apraz uma nação em harmonia partilhando progresso econômico e social. Educação precária, Saúde assassina obedecem ainda ao velho princípio do colonizador; as estradas ruins, de quebra, e a brutal ausência de estrutura sanitária em metade do país são realidades absurdas em pleno século 21, amor e respeito próprio literalmente no esgoto.

Um outro dia o ex-Presidente Fernando Henrique disse que para governar o Brasil é preciso estar disposto a meter a mão na lama, frase de sentido muito específico. Ele não foi perfeito em seus governos, mas é um homem educado e lúcido. A burocracia, proposital, para dificultar, ou supostamente evitar, fraudes, leia-se associar-se de sorrate à Coroa para drenar riquezas do país faliu em sua concepção originária, mas continua na prática emperrando tudo, pese tenhamos quadros funcionais em boa parte muitíssimo bem preparados.

Percebem-se, latentes, regras viciosas e desiguais a laborar para manter interesses na estúpida distribuição de renda brasileira, uma estratificação social que tange o tribalismo e gosto pela violência moral e transgressão legal a ultrapassar em muito os limites do razoável. Tais regras não proclamadas, mas praticadas, e o resultado de sua aplicação travam o país.

Estamos num bom momento para repensar tudo isso.

Não me lembro quem disse, mas a frase tem traços indiscutíveis de verdade: *“Há algo congenitamente esquizofrênico no caráter nacional brasileiro”*. Não poderia ser de outra forma; são séculos de incúria, discriminação, desrespeito, descaso, soberba e humilhação.

Estudos recentes concluíram que na comparação com outros povos, o brasileiro exibe o mais alto grau de ansiedade, consequência lógica da manutenção do país na trava, sob intimidação, no desemprego maciço, infeliz, que só aumentarão a ansiedade, cujo desdobramento natural é a depressão coletiva, depois nacional, um dos seus efeitos mais imediatos a improdutividade significativamente presente nas atividades gerais do país. É uma boa maneira de jamais sair do atoleiro no qual estamos enfiados até o pescoço.

Reflita sobre isso neste Natal, neste fim de ano. É preciso reagir, equilibradamente, nos estritos termos da lei e da ordem, mas reagir. O primeiro passo: Olhar o mundo que nos rodeia com senso de realidade e promover as alterações comportamentais recomendadas por uma visão conceitual revista de tudo o quanto temos vivido e ouvido nesses nossos tempos malcomportados, repetidos e repetidos em práticas estafadas e perversas por virem de longe e materializarem distorcidas e desumanas visões de mundo formadas nas mesmas e elitistas *escolas* do nosso passado colonial.

Precisamos banir das nossas considerações os que nos põem em sobressalto, quem nos mente e vive para nos ilaquear a boa-fé, quem desafia as leis a partir da lei maior, nossos sustentáculos de negação à barbárie, à vulgaridade, à dissimulação. Precisamos cultivar a verdade e a ética, praticar a liberdade e não tentar impedir que os outros também o façam. Somente depois de alcançar esse estágio reencontraremos a paz perdida com as atribulações que nos têm sido impostas e estaremos preparados para viver a grandeza cidadã necessária para a construção do grande país do qual queremos e merecemos ser súditos.

